

## VENDEDOR CHATO *Igualdade*

Simone Paiva Daumas

Leitura exige concentração e uma boa dose de silêncio. Sempre foi uma ótima distração no metrô, um meio de preencher o lapso de tempo monótono do trajeto sem atrativos visuais. Claro que há aqueles que, ao invés de ler, escutar música ou digitar freneticamente no celular, preferem observar pessoas e imaginar suas histórias, ou se divertir ouvindo conversas alheias.

Mas ler nem sempre é possível, pois subitamente toca o celular daquele cara de meia-idade, no auge da carreira, de paletó impecável e gravata distinta, em pleno verão do Rio de Janeiro. Não sei se admiro sua elegância descabida ou se tenho pena de seu desconforto óbvio. No instante seguinte, ele começa a falar alto, dando ordens ao seu interlocutor: “antes você tem que analisar direito aquela parte do processo... sim, na petição deixar isso claro... sem dúvida, eu comentei sobre isso com você... lembra? ... ahã... tá bom, deixa que eu ligo pro cliente e explico ... não, isso não tem nada a ver ... olha, segue naquela linha mesmo... ok, ótimo... vou passar antes no fórum, mas devo chegar lá pelas 11h30 aí... fechado, um abraço.”

Ufa, acabou essa ligação! – penso, aliviada. Tem gente que acha que o metrô é uma extensão de sua sala ou de seu escritório particular. É dose! Você acaba se contaminando com o estresse alheio, com essa mania terrível, tão em voga no século XXI, de não perder um só instante, uma só oportunidade de trabalhar a qualquer hora, em qualquer lugar, em nome da tão desejada produtividade máxima! O sujeito se revela tenso, ali, falando de um processo no telefone e segurando outro nas mãos, pra dar uma lida, durante a viagem. Cansa qualquer um, só de assistir!

Silêncio novamente. Depois de me tranquilizar, mergulho deliciosamente no conto de Machado, quando de repente ouço a voz do vendedor chato. Nessa hora, fico dividida e um misto de emoções me invade. Por um lado, tenho pena do sujeito que precisa ganhar a vida assim, já se desculpando por incomodar a viagem dos outros. Por outro, admiro sua

criatividade e desenvoltura, para criar sua peça de propaganda e anunciar seu produto barato: bala de mel e gengibre, bom pra gripe, tosse e dor de garganta, um pacote é um real; três pacotes por dois reais e... a ladainha continua, do início ao fim do vagão.

Mas lá no fundo, tenho que admitir, eu queria que ele não existisse ou simplesmente calasse a boca. Obrigada a interromper a leitura, passo a observar a reação das pessoas. Se fosse possível ouvir seus pensamentos seria uma balbúrdia só. Muitos gritando: fora daqui, queremos sossego! Outros compreensivos, defendendo: deixa ele trabalhar! Outros convencidos da boa oferta, chamando: eu quero comprar! E ainda os desconfiados, duvidando: por esse preço, isso só pode ser roubado...

Em meio à minha irritação, num momento de lucidez, decido olhar e reparar naquele homem, no seu desamparo, no seu esforço de sobrevivência. E penso que poderia ser eu ali, por que não? Se o acaso me tivesse pregado uma peça e eu tivesse nascido nos confins do Brasil, quiçá nos arredores de Quixeramobim, naquele sertão desolador, numa família muito pobre e iletrada, ou mesmo vivido numa casinha minúscula, sem saneamento básico, numa periferia urbana. Se minha família tivesse sido compelida a migrar para a metrópole, em busca de melhor sorte e tivesse encontrado apenas uma cidade hostil, sem oportunidades de emprego com remuneração decente e boa educação para os filhos...

Enfim, se eu tivesse sido marcada pela dureza, pela escassez e pela fome, e não tivesse tido a chance de estudar numa boa escola, se tivesse nascido numa família incapaz de me dar o afeto necessário para a construção da autoestima e confiança... Se estivesse, assim, predestinada ao trabalho precário, ao subemprego e, por fim, em plena crise, ao desemprego e desespero, o que faria para sobreviver? O que poderia esperar do futuro?

Você, que me lê agora, já pensou como nossa visão de mundo e futuro é moldada pelas condições que o acaso nos entrega desde nosso nascimento? Penso nessa extrema e absurda desigualdade, nesses tempos sinistros, em que tanto se fala em meritocracia. O que mais será preciso explicar para que entendam o quanto há de injustiça por trás desse conceito?

Vejo agora Raimundo com outros olhos e, como num passe de mágica, toda sua história vem à tona e passa diante de mim. Em meados da

década de 60, quando tinha apenas três anos de idade, seus pais saíram do cariri pernambucano para a grande Recife. Depois de passarem por muitas privações, seu tio conseguiu um emprego de faxineiro para o irmão, no prédio onde trabalhava, no Rio de Janeiro. Mais uma vez a família, com quatro filhos pequenos, se deslocou em busca de melhor sorte.

Desde menino, Raimundo teve que ajudar a família a ganhar o sustento de cada dia. Nunca pôde se dedicar aos estudos, como convinha. O melhor emprego, com carteira assinada, que conseguiu, foi como trocador de ônibus. Trabalhou duro na mesma empresa durante 15 anos, mas depois que instalaram as catracas eletrônicas e muitos ônibus passaram a circular somente com motorista, era uma questão de tempo ser demitido. Isso aconteceu 10 meses atrás, uma semana depois de seu aniversário de 54 anos. Desde então, procura novo emprego, mas a crise econômica lhe golpeou em cheio.

Apesar de ter trabalhado desde cedo, Raimundo não tem tempo de contribuição suficiente pra se aposentar e está muito longe da aposentadoria por idade. Assim, vai se virando como vendedor ambulante, ora aqui, ora ali, pra sustentar a casa e a mulher, que também viu o serviço de faxineira escassear. Os dois filhos que tiveram, ainda bem, já saíram de casa há uns anos atrás.

Agora, Raimundo já percorre outros vagões. Imagino que ele poderia ter sido brilhante em algum ofício, se fosse amparado desde cedo, afinal de contas, criatividade não lhe falta. Nesse momento, a voz gravada da moça do metrô, tão familiar, anuncia a chegada à estação Uruguaiana. Saio um tanto triste e ainda reflexiva. Penso que estamos desperdiçando possíveis talentos, descuidando das crianças e dos jovens e, em última instância, desistindo de um projeto de nação: um Brasil melhor para todos e, principalmente, para a ampla maioria que quase nada usufrui de nossa riqueza.

Lá fora está um lindo dia de sol, mas a alegria dessa constatação é breve. Minutos depois, atinjo um pico de irritação, ao tentar atravessar a avenida Presidente Vargas. Há um ônibus plantado sobre a faixa de pedestre, em pleno sinal fechado. Como sempre, não há um guarda de trânsito por ali. Um grande grupo de pedestres é forçado a ziguezaguear na pista pra tentar alcançar o outro lado, mas claro que não há mais tempo

suficiente para atravessar as pistas seguintes. A indignação aumenta. Tenho uma súbita vontade de esganar o motorista do ônibus. Mas que tipo de educação e treinamento profissional ele teve? Não há outro jeito: pronuncio, em alto e bom som, um baita palavrão...

Viver no Rio de Janeiro é um desafio constante de paciência!